



Primeira Vez

20 de Janeiro de 2018

Há algum tempo fiz o projecto de contar as minhas primeiras vezes. Fiz uma lista de certo número de entre elas: a primeira vez que vi o mar, a primeira vez que fiz uma viagem de avião, a primeira vez que me embbedei, a primeira vez que me apaixonei, a primeira vez que fiz amor. O exercício foi tão árduo como vão. Por outro lado, como podia ser de outro modo? Olhamos as primeiras vezes com uma indulgência excessiva. Assentam por natureza na inexperiência, são rapidamente engolidas por todas as vezes que se lhes seguiram, não tiveram tempo de assumir uma forma autónoma própria. E contudo reevocamo-las com simpatia, com saudade, atribuindo-lhes a potência do irrepetível. Devido a esta incongruência da sua constituição, o meu projecto em breve começou a meter água, mas para só naufragar definitivamente depois de eu ter tentado contar com verdade o primeiro amor. Nesse caso concreto fiz um grande esforço de memória em busca

de elementos significativos e a verdade é que encontrei poucos. Ele era muito alto, muito magro e parecia-me belo. Tinha dezasseis anos, eu quinze. Víamo-nos todos os dias às seis da tarde. Andávamos numa ruela deserta nas traseiras da estação das camionetas. Ele falava mas pouco, beijava-me mas pouco, acariciava-me mas pouco. Interessava-lhe sobretudo que fosse eu a acariciá-lo. Uma noite — seria noite? — beijei-o como teria gostado que ele me beijasse. Fi-lo com uma intensidade tão ávida e despudorada, que a seguir decidi não tornar a vê-lo. Mas este facto — o único essencial para a minha história — eu não sabia se realmente acontecera nessa ocasião ou durante outros pequenos amores subsequentes. E, depois, ele seria realmente assim tão alto? E víamo-nos realmente nas traseiras da estação das camionetas? Acabei por descobrir que do meu primeiro amor o que recordava com precisão era sobretudo o meu estado confusional. Amava aquele rapaz a tal ponto que vê-lo me impedia toda a percepção do mundo e sentia-me próxima do desmaio não por fraqueza, mas por excesso de energia. Nada me bastava, queria mais, e surpreendia-me que ele, pelo contrário, depois de me ter querido tanto, me achasse de súbito supérflua e se pusesse a andar como se eu me tivesse tornado inútil. Bem, disse para comigo, vou escrever sobre como, todas as contas feitas, é carente, e misterioso, o primeiro amor. Mas, quanto mais trabalhava, mais me dava conta de desejos, ânsias, insatisfação. De maneira que a escrita rebelava-se, tendia a preencher as lacunas, a dar à experiência a melancolia estereotipada da adolescência perdida. Por isso o que disse é quanto basta sobre a narração das primeiras vezes. O que que foram na origem é só uma mancha confusa de cor que contemplamos da margem daquilo que nos tornámos.



Medos

27 de Janeiro de 2018

Não sou corajosa. Tenho medo sobretudo de qualquer coisa que rasteje, e acima de tudo de cobras. Tenho medo das aranhas, dos carunchos, das melgas e até das moscas. Tenho medo das alturas e, portanto, dos elevadores, dos teleféricos, dos aviões. Tenho medo da própria terra onde assentamos os pés quando imagino que poderia escancarar-se ou, devido a uma avaria imprevista no mecanismo universal, como na lengalenga que recitávamos em pequenas enquanto fazíamos uma roda (a roda a girar, o mundo a tombar, tomba tomba o chão, todos para o chão — como me aterrorizavam estas palavras). Tenho medo de todos os seres humanos quando se tornam violentos: tenho-lhes medo se berram, se insultam, se ostentam desprezo, cacetes, correntes, armas brancas ou de fogo, bombas atômicas. E contudo em rapariga, em todas as ocasiões em que era preciso ser-se destemida, eu obrigava-me a ser destemida. Depressa me habituei a temer menos os

perigos reais ou imaginários e mais, muito mais, o momento em que os outros ou as outras reagiam como eu, paralisada, não conseguia reagir. Assim, as minhas amigas gritavam por causa de uma aranha? Pois bem, eu vencida a minha repulsa e matava-a. O homem que eu amava propunha-me férias na montanha com os seus inevitáveis voos de teleférico? Eu ficava a escorrer suor, mas lá ia. Uma vez, com uma pá e uma vassoura, aos gritos, pus fora uma cobra que o gato me trouxera para debaixo da cama. E, se alguém ameaça as minhas filhas, a mim, qualquer ser humana, qualquer animal não agressivo, venço a vontade de fugir. A opinião corrente é que quem age como eu tenazmente me treinei a reagir tem verdadeira coragem, a coragem que consiste precisamente em vencer o medo. Mas não estou de acordo. Nós, as pessoas timoratas-combativas, pomos acima de todos os nossos medos o medo de perdermos a estima por nós próprias. Atribuímos-nos imodestamente um valor muito grande e, para não termos de nos confrontar com uma imagem degradada de nós próprias, somos capazes seja do que for. Em suma, repelimos os medos não por altruísmo, mas por egoísmo. E, por isso, devo reconhecê-lo, tenho medo de mim. Sei desde há já algum tempo que posso exceder-me e portanto estou a tentar atenuar as reacções agressivas a que me forcei desde pequena. Estou a aprender a aceitar o medo, e até mesmo a mostrá-lo com autoironia. Comecei a fazê-lo quando compreendi que as minhas filhas se assustavam se me viam defendê-las com exagerado ardor de perigos pequenos, grandes, imaginários. Talvez devamos ter acima de tudo medo da fúria das pessoas atarradas.



Manter Um Diário

3 de Fevereiro de 2018

Muito nova, em rapariga, mantive durante alguns anos um diário. Era uma adolescente tímida, dizia sempre que sim, mas a maior parte das vezes calava-me. No meu caderno, em contrapartida, era desenfreada: descrevia minuciosamente o que me acontecia dia após dia, factos secretíssimos, pensamentos audazes. Por isso, o diário preocupava-me muito, temia que os meus familiares, sobretudo a minha mãe, descobrissem aquele caderno e o lessem. Assim, não fazia outra coisa que não fosse inventar esconderijos seguros que rapidamente passavam a parecer-me inseguros. Porquê tanta preocupação? Porque se no dia-a-dia, por embaraço, por prudência, eu quase não me atrevia a respirar, o diário causava-me um frenesim de verdade. Pensava que, ao escrever, não fazia sentido a contenção e, por conseguinte, escrevia especialmente — e talvez apenas — aquilo que teria preferido calar, recorrendo entre outras coisas a um léxico que oralmente nunca teria ousado utili-